

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 4 - Educação de qualidade

AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE DA ESCUTA NO CONTEXTO ESCOLAR ¹

SELF-MUTILATION IN ADOLESCENCE: THE NEED FOR LISTENING IN THE SCHOOL CONTEXT

Luciana da Silva de Castro², Solange Castro Schorn³

¹ Projeto de pesquisa realizado na disciplina: Seminário de Pesquisa - 1º sem. de 2020, do curso de Psicologia da UNIJUI

² Acadêmica do Curso de Psicologia UNIJUI

³ Docente do Curso de Psicologia da UNIJUI - Orientadora

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, observa-se que a escola constitui um dos espaços que o jovem inaugura os primeiros passos da vida social, no entanto, esse local de grandes oportunidades de relacionamentos, convivência e aprendizado é assombrado por um problema, nem sempre visível aos olhos dos professores ou gestores da escola. Esse dilema refere-se à automutilação de adolescentes que provocam ferimento no próprio corpo com a intenção de aliviar uma dor emocional ou angústia que não estão conseguindo suportar. A partir da análise deste núcleo de pensamento, objetiva-se investigar o espaço que a escola concede aos adolescentes com a proposta de escuta às angústias vividas por estes sujeitos, abordando o posicionamento do educador frente ao tema da automutilação e considerando que esta é uma prática contagiante entre os adolescentes. Pela ótica da psicologia, procura-se avaliar a dinâmica de escuta no cenário educacional e ressaltar a importância do psicólogo na escola.

Em conformidade com Fortes e Macedo (2017), “o adolescente não demonstra de forma manifesta inquietação ou angústia com o fato de se automutilar, sendo o alarme acionado quando um adulto descobre e se preocupa com o fato” (p. 354). A colocação das autoras vem ao encontro do propósito deste trabalho, considerando o compromisso do professor enquanto observador das ações e reações dos alunos na escola. Essa premissa aponta para a relevância do assunto no âmbito escolar, principalmente da orientação educacional, pois supõe-se que este setor, na falta do psicólogo escolar, conceda a possibilidade de escuta aos jovens em sofrimento.

É importante enfatizar que o alívio momentâneo é referido pelo próprio sujeito em questão que também evidencia o retorno da angústia cercado de culpa pela frustração da impotência diante da dor emocional.

Por esta linha, analisa-se as causas da automutilação na adolescência; os fatores que contribuem para o aumento desta prática entre os jovens e os encaminhamentos da escola diante dos sinais de depressão. Considerando que a escola pública brasileira não dispõe de psicólogo educacional em todas as instituições, investiga-se quem é e qual a formação do profissional que realiza acolhimento das angústias do adolescente. Acentua-se também, os casos de automutilação reportados à vulnerabilidade social e à omissão da família, dado que o contexto em questão pontua um grande problema que acomete os jovens e demandando diálogo e acompanhamento profissional. Percebe-se, que muitos adolescentes negligenciados pela família se refugiam no ambiente escolar em busca de acolhimento, atenção e, principalmente, alguém que escute suas angústias.

Sendo assim, pretende-se por meio do estudo compreender a relevância do espaço de escuta na escola, não como espaço de advertência, mas como ambiente acolhedor das angústias desses jovens e adolescentes.

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 4 - Educação de qualidade

Palavras-chave: Automutilação; Adolescência; Psicologia Escolar; Psicologia e Educação
Keywords: Self-mutilation; Adolescence; School Psychology; Psychology and Education

METODOLOGIA

Face a temática constituída a pesquisa será feita a partir de um estudo bibliográfico em livros de autores clássicos e contemporâneos, com embasamento teórico no campo da psi-canálise. Para atingir o objetivo proposto, as leituras serão complementadas por artigos publicados em sites científicos especializados como Pepsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia); SciELO (Scientific Electronic Library Online), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); Biblioteca virtual da UNIJUI; Google Acadêmico, usando as seguintes palavras-chave: automutilação, adolescência, depressão na escola, escuta de adolescentes na escola; além disso, jornais como O Estadão, do estado de São Paulo.

A pesquisa, é de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, assumindo a forma bibliográfica.

Considerando a ótica de Moraes e Galiuzzi, 2006, será utilizada a metodologia de análise textual discursiva, considerando a criação de espaços de reconstrução, com diversificação de subsídios e no entendimento dos fenômenos investigados e a transformação do pesquisador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As manchetes, na mídia, mostram que o assunto sobre a automutilação na adolescência está tomando proporções cada vez maiores nas discussões das áreas da saúde, social e educacional. Sabe-se que esse assunto toca muitos tabus, família e escola não gostam de falar, tampouco de escutar sobre o assunto. De certa forma, é entendido como uma forma pejorativa para manipular, chamar atenção de forma negativa.

Em conformidade com estudos Forte e Kother (2017, apud SCARAMOZZINO, 2004; GAUTHIER, 2007; JAFFRÉ, 2008), os comportamentos de automutilação tiveram aumento considerável nos últimos 30 anos, todavia, muitos casos são de lesões superficiais e não levam ao suicídio. As autoras sublinham que esses atos são realizados pelos jovens em momentos de insuportável tensão interna, com a qual não sabem como lidar. Trata-se, portanto, de uma dor que não encontra expressão pela via das palavras.

Em consonância com essas afirmativas, a intenção de investigar as manifestações de autoflagelo dos adolescentes no contexto escolar tomou maiores proporções, considerando o aumento dos casos e a diminuição da idade dos sujeitos envolvidos. Por meio da prática de estágio na escola de ensino fundamental, observou-se que jovens com 12 anos de idade exibem cicatrizes nos membros do corpo provocadas por objetos cortantes. Muitas vezes, os casos são constatados na escola, por um professor ou um colega que, na intenção de proteger, comunica o fato à direção.

Não há como precisar os motivos que levam o jovem a agredir o próprio corpo, todavia os relatos trazem uma forte questão, é uma forma de se livrar de uma dor emocional, em algum momento o sujeito entende que se machucando estará liberando a dor emocional que está sentindo e esse alívio pode transformar-se num ato compulsivo, fator percebido pelas inúmeras cicatrizes. Essa atitude de liberar uma dor através do corte pode estar ligada ao fato de não conseguir ou de não ter para quem se expressar. Normalmente são jovens dentro de um contexto que não são escutados, não há voz para os seus sentimentos ou porque as pessoas não escutam ou porque não compreendem o que estão vivenciando. Vinculada a esta concepção, apresentam-se outras questões: famílias desestruturadas que não oferecem apoio, o bullying, tão comentado no universo escolar, a própria autoestima baixa, que parece fazer despontar na adolescência e diversos outros fatores. Diante deste quadro, é fundamental descobrir o que está acontecendo com esse jovem em intenso sofrimento,

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 4 - Educação de qualidade

talvez um sujeito depressivo.

Esses fatos reforçam a necessidade da escuta e do acolhimento pela família e pela escola, pois trata-se de um sujeito em sofrimento que está pedindo ajuda através do grito pela dor. O ato de se mutilar está expressando essa necessidade de ajuda. No contexto escolar, é possível que a automutilação gere uma espécie de contágio, um jovem formador de opinião, nem sempre é o que está melhor psiquicamente, isso torna o problema ainda mais grave.

Com sustentação teórica na pesquisa de Le Breton (2006), referenciada por Forte e Kother (2017), O corte no corpo é uma forma de tentar barrar o sentimento de colapso (p.5).

Percebe-se que a adolescência é tida como um período de difícil compreensão tanto pelos adolescentes quanto pelas pessoas que os cercam, por isso é comumente associada à fase de rebeldia. A psicanalista Julieta Jerusalinsky (2017), ao abordar o tema sobre a travessia para a juventude e a despedida da infância, ressaltou que este ser que emerge na adolescência traz consigo um turbilhão de ideias. Produz uma confusão de conceitos e perda de certas referências. É quando começa a estabelecer sua nova identidade, mais autônoma e subjetiva. Isso porque durante a adolescência as atitudes serão a base dos procedimentos que irão formar a personalidade. Sabe-se que haverá interferência do meio social, assim, essa formação passará por questões culturais. Para a autora, o jovem se sente hora com muita responsabilidade, hora sendo tratado como adulto, hora como criança. O termo adolescente lança a ideia de transformação, afinal, esta é a fase de mudança do ser humano, de modificações e descobertas que vão arremeter à vida adulta. A escola, na visão da autora, enfatiza que o adolescente resiste e recusa ordens, quer fazer suas próprias regras, posiciona-se contra as da escola, que a adolescência, em especial, é fase de descobrir e de testar limites. Nesse contexto, compreende-se que as manifestações de revolta são formas que o adolescente tem de comunicar que algo não está bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste panorama, evidencia-se a importância de investigação sobre o tema, considerando que o jovem automutilador não está querendo chamar atenção, mas sim precisando de apoio e, principalmente, ser escutado naquilo que o faz sofrer. É importante sentir que os adultos próximos estão dispostos a escutar aquilo que o incomoda, escutar seus sentimentos e oferecer o apoio necessário.

Em consenso com esse raciocínio, percebe-se cada vez mais importante o espaço de escuta na escola, pois é neste ambiente que o jovem passa maior parte do tempo e, também, é o cenário das relações e das confrontações de regras e normas depois do ambiente familiar. Sendo assim, a instituição escolar coloca-se como mediadora de alguns conflitos, mesmo que o aluno não demonstre interesse em falar, a escola precisa se preparar para escutar

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Cristiane Palmeira de Oliveira; BARROS, Izabella Paiva Monteiro de Barros. Ambiente escolar e escuta psicanalítica de adolescentes. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000200009&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 09 abr. 2020.

BARROS, Jane Fischer. Circulação da palavra na escola: possibilidades de emergência do sujeito. Rev. Polis Psique, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 206-221, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 jun. 2020.

FORTES, Isabel; KOTHER MACEDO, Mônica Medeiros. Automutilação na adolescência - rasuras

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 4 - Educação de qualidade

na experiência de alteridade *. Psicogente, Barranquilla , v. 20, n. 38, p. 353-367, Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-01372017000200353&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jun. 2020.

JERUSALINSKY, J. Travessia para a juventude e a despedida da infância. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hq3DEn89ImY>. Acesso em: 18 jun. 2020.

Parecer CEUA: 4338191018

Parecer CEUA: 1.850.054?2016